

TENSÃO NA MATERNIDADE

saúde

Médicos hesitaram em transferir dois bebês doentes para tratamento em Brasília, com medo de que eles morressem na viagem

Ana Beatriz Magno e
José Varella

Enviados especiais

“Um deles está muito mal”, sussurrou o médico Alberto Volponi, na porta da direção do Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré, minutos antes da hora marcada para o embarque dos dois recém-nascidos que viajariam ontem para Brasília às 15h — horário de Boa Vista. Estavam muito doentes e precisavam de um tratamento mais sofisticado do que o existente na cidade. Eles iriam viajar no avião Lear Jet do governador e ficariam internados no Hospital Santa Lúcia, da capital federal.

Até o embarque de uma das crianças, às 18h30, os médicos mudaram de decisão quatro vezes. Só bateram o martelo às 18h (horário local) quando — depois de vários exames — os médicos descobriram que a menina, de 35 dias de vida, filha de Cenita Moraes, estava com malária. Foi decidido então que ela permaneceria em Boa Vista e apenas o garoto, filho de Odete Rodrigues, seria mandado para Brasília.

O principal motivo de tanta indecisão foi o pavor generalizado de que as duas crianças aumentassem a lista dos 33 bebês mortos na maternidade entre os dias 1º e 26.

SUANDO

Às 13h, a diretora do hospital, Francinéia Rodrigues chegou a divulgar uma nota oficial dizendo que “devido aos riscos com as constantes faltas de energia em Boa Vista, dois recém-nascidos, filhos de Cenita Moraes e Odete Rodrigues serão transferidos ainda hoje para tratamento em Brasília”.

Depois, às 15h, tudo mudou. Ao entrar na sala de Francinéia Rodri-

gues, o neonatologista Alberto Volponi, de estetoscópio pendurado no pescoço, suando e com o ar afobado pediu que os planos fossem modificados. Um dos bebês, o filho de Cenita, piorara desde o começo do dia e o médico desconfiou de que a criança não resistiria à viagem.

“Vou refazer os exames de raio-X”, disse Alberto na saída da reunião que demorou exatos cinco minutos. O secretário de Saúde de Roraima, Sérgio Pilon, que ontem transferiu seu gabinete de despachos para a maternidade, participou da decisão.

Depois de 80 minutos de exames, às 16h40, os médicos resolveram manter a decisão inicial e Volponi correu em casa para trocar de roupa e embarcar para Brasília junto com as crianças no jatinho do governador.

CAPACETE DE OXIGÊNIO

Tudo mudou pela quarta vez às 18h20: o próprio Volponi concluiu que a criança tinha malária. E decidiu deixá-la em Boa Vista.

“Hesitamos muito porque tivemos medo de que a criança morresse durante a viagem. Seria péssimo para a maternidade”, disse um dos integrantes da equipe do berçário, receoso de ser identificado.

Cenita Moraes, 25 anos, mãe da criança com malária, acompanhou as idas e vindas dos médicos na porta do berçário. Ela teve a neném no dia 23 de setembro, em Alto Alegre, uma cidade a 84 quilômetros de Boa Vista. No dia 19 de outubro, Cenita correu para maternidade porque o filho estava com diarreia, febre e dificuldade respiratória.

“Estou muito nervosa porque não sei o que está acontecendo com meu filho lá dentro do berçá-

rio. Não me dão informação”, reclamou a moça, baixinha, com fisionomia de índia macuxi — uma das maiores tribos do estado. Desde que chegou ao hospital, a menina de Cenita está com capacete de oxigênio que só é utilizado em casos graves.

Apesar de a criança ter estado no berçário no período das mortes dos outros 32 bebês — 15 deles mortos por infecção hospitalar — os médicos da maternidade descartam a hipótese de que a criança tenha contraído a infecção. “Ela já chegou muito doente”, resumiu a diretora Francinéia.

O outro bebê, filho de Odete Rodrigues, nasceu na própria maternidade no dia 22 de outubro. Nasceu bem e piorou anteontem depois de uma crise convulsiva. Foi então que os médicos resolveram transportá-lo para Brasília. “Meu filho não está nada bem. Não agüento mais essa indecisão. Não

agüento mais esperar”, desabafou Odete, muito nervosa.

ÍNDIOS
O dia de ontem foi tenso na maternidade. Além das idas e vindas da viagem dos dois bebês para Brasília, os médicos cogitaram a hipótese de embarcarem também uma das gêmeas ianomâmis — aquela de quem que o *Correio* publicou a foto no sábado. A menina, filha de Carla Ianomâmi, piorou e voltou para a encubadora.

“Queriam levar ela para Brasília, mas não deixei. A mãe não fala português e não pode viajar assim correndo sem alguém para ajudar”, disse na porta do berçário, a freira irmã Florença que acompanha Carla e trabalha há dez anos na aldeia da tribo. Ela revelou também que dos 32 bebês mortos, sete são índios das tribos wapixana, macuxi e tawepan.

Colaborou Fátima Rocha

Fotos: José Varella



Emergência: enquanto o berçário ganha a triste fama de um índice recorde de mortes, crianças são atendidas no hall da recepção em Boa Vista